



ESCOLA DE
HUMANIDADES

CADERNO MARISTA DE EDUCAÇÃO

Caderno Marista de Educação, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 1-8, jan.-jun. 2020

ID – 37958

SEÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

A potência dos grupos na escola: espaço de encontros e transformações

The power of groups at school: a space for encounters and transformation

Kátia Terezinha

Machado da Rocha¹

orcid.org/0000-0001-5007-3494

katia.machado@maristas.org.br

Konstans Franco

Steffen¹

orcid.org/0000-0001-5453-4794

konstans.steffen@maristas.org.br

Ralph Schibelbein¹

orcid.org/0000-0002-8946-0585

ralph.schibelben@maristas.org.br

Recebido em: 01.05.2020

Aprovado em: 22.07.2020

Publicado em: 11.03.2021

Resumo: O presente relato de experiência busca refletir sobre a potência do trabalho com diferentes grupos na escola, apresentando um breve relato do histórico e funcionamento de quatro grupos de jovens: Pastoral Juvenil Marista, Voluntariado, Grêmio Estudantil e Clube de Relações Internacionais. As práticas, envolvem estudantes dos anos finais e ensino médio, no Colégio Marista Graças, em Viamão, RS, e expressam a pluralidade dessas juventudes. Percebe-se que o vínculo entre os membros do grupo e o ambiente seguro em que estão inseridos permitem que os jovens experimentem novos olhares, e, com isso, novas formas de relação, levando estes aprendizados para outros espaços, como família, amigos e escola, transformando-se a si mesmos e os contextos onde vivem.

Palavras-chave: Grupos. Juventudes. Escola. Protagonismo. Projeto de vida.

Abstract: The present experience report intends to reflect about the power of working with different groups at school, presenting a brief report about the history and operation of four youth groups: Marist Youth Ministry, Volunteering, Student Union and International Relations Group. The practices involve students from Final Years and High School, at Marista Graças School, in Viamão, RS, and express the plurality of these youth. It is noticed that the bond between group members and the safe environment that they are in allows young people to try new perspectives, and with this, new forms of relationship, taking these learnings to other spaces, such as family, friends and school, transforming themselves and the context they live in.

Keywords: Groups. Youths. School. Protagonism. Life project.

Introdução

A escola é um dispositivo muito importante na constituição dos sujeitos, sendo fundamental nos processos formativos de nossa sociedade, incluindo as relações sociais e grupos aí gerados. É onde são passados longos anos e nesse período, para além da aprendizagem formal, são aprendidos modos de agir e viver.

Ao reconhecer características no outro, o sujeito vai aos poucos reconhecendo suas próprias características individuais e assim percebe também o que é diferente de si no processo de individuação. Ou seja, a partir das relações com a alteridade é constituída a identidade e nessa identificação de semelhanças e diferenças, aprende-se a dialogar com o que é discordante. Para Silva (2000), tanto a identidade como a diferença são produzidas social e culturalmente, dentro de sistemas de sentido referentes a dado contexto, perpassado por relações de poder. São



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Colégio Marista Graças, Viamão, RS, Brasil.

produções processuais só possíveis no coletivo.

Para tanto, tratando-se do contexto escolar, é preciso oferecer diferentes espaços para que os jovens consigam experimentar distintos modos e vivências e assim descobrir suas potencialidades e identificações. Os grupos são facilitadores para esse movimento, pois os jovens necessitam pertencer a algum espaço. Freire (1994), a partir da perspectiva de Pichon-Rivière, aponta que o grupo é um conjunto de pessoas reunidas e movidas por necessidades comuns. Cada indivíduo se torna um participante que exercita sua fala, sua opinião e seu silêncio. Cada um é único, mas o processo grupal permite a introjeção do outro dentro de si. Dayrell (2007) salienta que o mundo da cultura para os jovens é um espaço de busca para demarcar a identidade juvenil, através de práticas, representações, símbolos e rituais. São nos contextos dos grupos, especialmente nos que acontecem na escola, que esse processo se dá.

Para a construção deste relato de experiência serão apresentadas práticas de grupos que incluem alunos dos anos finais e ensino médio, que acontecem no Colégio Marista Graças, em Viamão. As práticas das juventudes não são homogêneas, assim como as juventudes não o são, e por se apresentarem no plural, sendo múltiplos os contextos em que estão inseridas, heterogêneas também são suas expressões, práticas culturais e formas de viver.

Sendo assim, entende-se que os grupos aqui apresentados não são simplesmente "tribos de identificação"; são grupos que possuem propósito, que para além do pertencimento, possibilitam vivências que trazem questionamentos, propõem intervenções psicossociais, estimulando esses jovens a estranhar a desigualdade e a indiferença. Grupos que operam a partir da concepção de formação humana baseada no princípio da integralidade da pessoa.

Pastoral Juvenil Marista (PJM)

A primeira experiência a ser apresentada envolve a Pastoral Juventude Marista. Vivemos um mundo em que o individualismo distancia as pessoas e os grupos, dividindo as forças, repe-

tindo ações e disputando protagonismo. Em face dos enormes desafios da humanidade, somente juntos e em parceria, conseguiremos construir e transformar a humanidade.

É nesse contexto, que a rede Marista aposta no protagonismo juvenil, ou seja, as juventudes como construtoras de sua própria história e de ser os principais agentes de transformação. Contudo, para isso existe um caminho a ser percorrido, para que os jovens através das vivências grupais possam elaborar o seu projeto de vida. Isto inclui: a experiência que vivem nos grupos, que se expressa nos gestos de acolhida, solidariedade e comprometimento com o crescimento pessoal e do grupo; a busca da cidadania, para que as juventudes descubram seu espaço como agentes de transformação; e a formação integral, visando favorecer o crescimento deste jovem como totalidade humana.

Nessa grande diversidade de jeitos e manifestações, é possível dizer que são carregados de sinais e significados que fortalecem e enriquecem o seu grupo; esta experiência grupal favorece a sua construção como indivíduo, desenvolvendo o seu sentido de pertença e estimulando a sua ativa participação na sociedade.

Como parte de uma rede Cristã-Católica, trabalha-se com os jovens a vida na fé, através do diálogo, do serviço, no anúncio e no testemunho de comunhão, exigências intrínsecas da evangelização. Esse caminho que o jovem passa a percorrer a partir do momento em que ele faz a opção de vivenciar a PJM necessariamente vai lhe ajudando a construir e reconstruir um compromisso com o outro.

Não se pode esquecer que se está diante de um ser formando sua personalidade e alguns aspectos são fundamentais: a flexibilidade, a busca por novidade, a diversidade e o senso de justiça. Para que esta vivência seja significativa, a metodologia deverá partir da realidade, em vista de uma ampla compreensão social. Outro aspecto é a prática da experiência que leve à adesão e ao compromisso prático. É o que se entende quando se fala do ver-julgar-agir-avaliar-celebrar.

Quando um indivíduo, permanece por anos num grupo de jovens, ele afirma a necessidade daqueles

outros indivíduos na formação de sua identidade; não se trata da vivência genérica de um grupo, mas de jovens cuja expressões de vidas se assemelham. Não se é simplesmente participante daquele grupo, mas é complementar a quem se é e se torna.

É urgente educar para a cidadania e para o compromisso solidário. Isso reforça o envolvimento e a importância de os jovens engajarem-se em grupos que os representem. As juventudes apostam que outro mundo seja possível e acreditam que isso se dá por meio da mobilização e da força juvenil. Numa sociedade individualista é importante estimular esta iniciativa. A experiência no grupo é o ponto de partida para abrir-se a relações mais amplas, ter conhecimento da realidade, a importar-se com a sociedade e reconhecer-se como cidadão.

Grêmios estudantis

As políticas públicas orientam, validam e executam normativas e, em geral, são frutos de movimentos e pautas sociais importantes, o que inclui as juventudes. A organização de um Grêmios Estudantis e entidades representativas são tratadas na Lei Federal n.º 7.398/85, a Lei Estadual n.º 8.661/88, o art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.º 8.069/90) e a Lei n.º 12.852/2013 que institui o Estatuto da Juventude, dispendo sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve).

Um Grêmios Estudantis é a organização de um grupo oficial para exercitar e desenvolver a dimensão política na instituição escola. Ali os estudantes buscam exercer os direitos e deveres dos discentes e representá-los junto ao corpo docente e equipe diretiva. Dar espaço para que as ações pensadas pelo Grêmios Estudantis sejam concretizadas é colocar em prática os princípios fundamentais trazidos pelo posicionamento Juventudes (REDE MARISTA, 2018) tais como: reconhecer os jovens como sujeitos de direito a caminho da autonomia; avançar no diálogo com as juventudes; ampliar a escuta às juventudes; conhecer e aprofundar a compreensão sobre as juventudes contemporâneas; repensar as formas

de relacionamento e as relações de autoridade na comunidade educativa; contribuir na construção e acompanhamento do projeto de vida; fomentar o protagonismo e a participação juvenil; formação e compreensão integral das juventudes; contribuir na defesa dos direitos dos adolescentes e jovens; fortalecer as redes de atuação junto às juventudes.

Os estudantes que se interessam por fazer parte desse grupo têm suas motivações individuais, mas ao participarem, desenvolvem habilidades que talvez não tivessem a clareza inicialmente de que seriam estimuladas. Nesse núcleo também se ensaia a busca para a concretização dos desejos dos demais estudantes. Portanto, é preciso aprender a ouvir os demais, e, para isto, desenvolver um espaço de escuta. Essa escuta precisa ser atenta e sensível para que seja possível levar em consideração o que está sendo percebido pelos outros tanto nas dimensões sociais e culturais quanto nas políticas.

A partir do que aparece nessas escutas, estimula-se a pensar em propostas para sanar as necessidades levantadas, escrever um projeto, com argumentos e plano de ação para a execução. Logo, apresentar e defender esta proposta para a equipe diretiva. Sendo aprovado, colocar em prática o projeto. Gerir o seu tempo, equilibrando seus interesses individuais com os interesses do coletivo. Gerir o caixa tentando equilibrar gastos de curto, médio e longo tempo de execução de projeto. Para assim, ao final, ter vivenciado todo o processo de leitura e transformação da realidade onde estão inseridos.

Esse grupo forma uma equipe de trabalho por aproximadamente um ano, até que um novo grupo se configure e seja eleito para dar continuidade às propostas e atividades realizadas. Já o vínculo que se estabeleceu entre aqueles sujeitos e as aprendizagens geradas a partir do espaço coletivo de reflexões, engajamento e ações os acompanham para além deste tempo, impactando tanto no processo educacional quanto no perfil do estudante.

Voluntariado

Vive-se em uma sociedade cada vez mais apressada e conectada, na qual muitas vezes a veloci-

dade faz com que não se perceba o caminho que se está tomando e a conexão seja somente em espaços virtuais. Como estratégia para refletir mais profundamente sobre um dos pilares da educação (aprender a conviver), apresentado no relatório para a UNESCO de Delors (1998), o espaço escolar oportuniza a experiência no grupo de voluntariado.

O voluntariado surge como um itinerário que possibilita a prática de conceitos e valores aprendidos, mas principalmente se coloca como uma oportunidade de olhar a si mesmo e ao outro a partir da perspectiva do cuidado, do exercício da alteridade e do fortalecimento da cultura da solidariedade. Sendo assim, é uma forma de aplicar e compreender na prática valores éticos aprendidos na sala de aula, nos encontros de pastoral e de orientação educacional, colaborando para a formação de estudantes criativos e críticos que são capazes de questionar estruturas sociais e modificá-las visando ao bem comum.

Após o encerramento da "Década do Voluntariado", promovido pela ONU, o Marista Graças lançou o projeto do grupo de voluntários, que tem como objetivo promover a formação e o cultivo de valores, principalmente o fortalecimento da cultura da solidariedade, o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade social.

A ideia do voluntariado surgiu na pastoral com Renato Capitani e Kátia Rocha e logo foi incentivada pelo educador Ralph Schibelbein e estudantes que realizaram os primeiros encontros desprentensiosos, em um grupo muito pequeno, mas gigante em vontade e sonhos. Debruçando-se em documentos da escola, pensadores sociais e realidades cotidianas, o projeto foi tomando corpo.

Desde o princípio o voluntariado esteve conectando o pedagógico ao pastoral com o objetivo geral de contribuir, de uma forma direta e intencional, com a formação integral dos estudantes, por meio de uma atuação cidadã efetiva, relacionando as práticas do projeto com as quatro competências do currículo: ético-estética, política, acadêmica e tecnológica. Se nós olharmos os objetivos específicos do projeto, fica ainda mais nítida a relação da questão pedagógica, pastoral e da orientação educacional:

a) contribuir com a formação integral dos estudantes, por meio do cultivo da solidariedade, da sensibilidade social e da doação ao próximo;

b) favorecer e oportunizar a construção do projeto de vida dos estudantes, pautado nos valores e nas vivências compartilhados pelo grupo;

c) criar condições para o desenvolvimento da autonomia, da organização pessoal e coletiva, da responsabilidade e da liderança.

d) cultivar relações fraternas, por meio do fortalecimento dos vínculos de amizade e do companheirismo entre os voluntários.

Desde o princípio, tinha-se a preocupação de que o projeto não fosse algo assistencialista e pontual, mas sim processual, envolvendo reflexões, planejamentos, debates e constantes avaliações do que estava sendo realizado. Nesse contexto, os encontros de formação, planejamento e avaliação tiveram uma maior ênfase no que tange à quantidade de encontros (75%) do que saídas às instituições (25%).

A opção por ter mais encontros de planejamento, formação e avaliação é justamente o que faz do voluntariado um lugar de educação nos direitos humanos e vivência da espiritualidade, porque nesses momentos os estudantes podem partilhar as experiências vividas nas intervenções em diferentes contextos, tornando-se possível a discussão crítica acerca da nova realidade que lhes é apresentada. Possibilita-se, então, a construção criativa de uma intervenção naquele contexto, por meio da alteridade e do cuidado com o outro – sujeito com quem se constrói o processo voluntário.

Entre algumas atividades planejadas e executadas nas instituições, estão: capacitação das voluntárias nas instituições, rodas de conversa, reforço escolar, recreação, preparação de lanches, reforma de espaços físicos, contação de histórias, teatros, auxílio na formação e no protagonismo de jovens de escolas públicas e particulares da comunidade, participação de conferências e congressos.

Os protagonistas dessas ações são estudantes que desempenham tarefas que buscam interferir positivamente na vida dos outros. Por meio de

diferentes formas, com as mais variadas atividades, o que eles guardam em comum é a solidariedade, o desejo de ver um mundo melhor e o ato nobre de fazer tudo isso sem esperar algo em troca. Mas recebem seus pagamentos em sorrisos, histórias, abraços, emoções e gratidão, como é possível conferir no depoimento de uma estudante voluntária do primeiro ano do ensino médio: "Ser voluntário é não só acreditar na mudança para um mundo melhor, mas fazer parte dela. Como dizia Ghandi, ser a mudança que quer ver no mundo" (Estudante A, informação verbal).

Como mencionado, o voluntariado passa a ser involuntariado depois de se iniciar na atividade, pois é realmente impossível parar a corrente do bem. Utilizando a frase de Raul Seixas, "o ápice do egoísmo é querer ajudar", ou seja, na fala dos voluntários sempre se ouve que os maiores beneficiados são eles próprios. Segundo Schibelbein (2018) Os voluntários saem mais fortes e sensíveis, cuidando deles mesmos e dos outros, transformando-os e mudando o entorno, sem dúvida com um olhar mais humano perante a sociedade.

O voluntariado é uma oportunidade para experimentar os mais variados aprendizados e práticas escolares, que vão desde os conhecimentos teóricos, passando por competências procedimentais até aspectos atitudinais. Por meio deles também pode inspirar a escola a exercitar o olhar para dentro e para fora, colocando-se como um espaço de efetiva relação com a comunidade.

Deixa-se, por fim, a ideia como uma semente para que cada escola ou grupo de estudantes e educadores reflita sobre o tema e busque se inspirar nessa ação. Não se tem a pretensão de apontar o que foi realizado como o caminho correto; afinal, acredita-se que não há um caminho exato, mas o importante é caminhar. Que tal dar o primeiro passo?

Clube de Relações Internacionais e Simulações Diplomáticas (CRISD)

Na busca por uma educação integral na qual o estudante desenvolva não somente as habilidades intelectuais ligadas ao aspecto teórico conceitual, mas também habilidades éticas, políticas, comunicacionais e socioemocionais, a escola necessita

(re)pensar e trabalhar a construção de um sujeito capaz de viver em uma sociedade do século XXI.

Para ir além das competências acadêmicas e dialogar com o que se pensa para essa educação do novo século, os direitos humanos se colocam como tema fundamental. Aprender a ser e aprender a conviver são aspectos básicos para a vida no coletivo e podem ser exercitados a partir do estudo, do debate e da prática dos direitos do cidadão.

A partir da missão e das matrizes curriculares Maristas é que entendemos a importância de projetos como o Clube de Relações Internacionais e Simulações Diplomáticas - (CRISD), uma vez que ele vai ao encontro de "promover uma educação integral de qualidade, por meio de práticas e processos inovadores, comprometido com a excelência acadêmica e com a construção de uma sociedade justa e humanizada" (UMBRASIL, 2010, p. 12).

Esse projeto que engloba leitura, pesquisa e construção de conhecimento acadêmico também exercita o debate, apresentação oral, e discussões que possibilitam o desenvolvimento de valores éticos e democráticos na defesa de uma sociedade mais justa, digna e igualitária em consonância com os Direitos Humanos.

Dessa forma, além de trabalhar o viés intelectual, político e ético, o projeto faz com que os jovens exercitem a questão tecnológica para suas defesas e simulações. As atividades, portanto, enquadram-se perfeitamente nas competências Maristas acadêmicas, ético-estéticas, políticas e tecnológicas. Também se insere na ideia dos pilares para a educação do século XX (UNESCO, 1998): aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver.

Podemos observar a partir da visita dos estudantes do Marista Graças ao projeto Mundo Marista Rosário como funciona o CRISD, que existe desde 2016 no Marista Rosário e atende estudantes de 9º ano ensino fundamental e ensino médio, com ótimos resultados, inclusive com estudantes graduandos e graduados no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que auxiliam no evento.

A atividade incentiva os estudantes a trabalharem os eixos cognitivos das áreas do conhecimento do ENEM, que segundo o Ministério da Educação (2019, p. 1), são:

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.

II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico e geográfico, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Nesse contexto que nasce a ideia de desenvolver no Marista Graças um Clube de Relações Internacionais e Simulações Diplomáticas. Inspirados na prática do clube já existente sob coordenação do professor Guilherme H. Silva no Marista Rosário, e do interesse dos estudantes, o professor Ralph Schibelbein, junto a direção da escola e alguns jovens, iniciou-se um projeto piloto.

Após alguns encontros entre a direção, o professor e os estudantes, ficou combinado a escrita de um projeto e a defesa para possível aprovação. O trabalho foi todo coletivo e os estudantes se envolveram em leituras de projetos pré-existent, formularam objetivos e justificativas e posteriormente defenderam a pauta em reunião com as coordenações do colégio. Assim que o projeto foi aprovado em 2019, iniciou-se com encontros mensais para articulação do grupo e estudo da metodologia. Houve oportunidades de palestras e simulações internas no colégio. Participou-se como ouvintes no Mundo Rosário e ao final do ano recebeu-se o grupo do Colégio Marista Assunção, sob coordenação do professor para uma simulação.

Ao longo do ano de 2020 o grupo passou a ter encontros semanais para estudo de artigos, debates sobre geopolítica e instituições internacionais e pretende participar de diferentes eventos de simulação no município e no estado. Os estudantes comprometem-se a debater os textos, assim como estudar acerca das questões humanas que estão por trás dos grandes conflitos internacionais. Também exercitam o diálogo, a escuta e a integração com o grupo.

Em diálogo com a sociedade líquida de Bauman (2001), onde o global e o local pedem cada vez mais atitudes de autonomia, protagonismo e cidadania planetária, defendida por Morin (2011), os jovens que participam desses grupos e projetos visam fomentar a construção de conhecimento a partir do interesse e sentido prático. Em consonância com os valores da Rede Marista, as atividades buscam desenvolver a integralidade dos estudantes num clima de aprendizagem e respeito mútuo. Por fim, ainda é uma possibilidade para nos fortalecermos enquanto rede nas atividades externas e favorecer o contato com outras realidades e escolas, bem como auxiliar nas possíveis escolhas profissionais futuras.

Considerações finais

Refletindo sobre uma educação integral, percebe-se a importância da relação entre o pedagógico, a pastoral escolar e a orientação educacional, no processo de formação dos nossos estudantes, expresso nos grupos relatados. Nessa visão, apresenta-se como fundamental o exercício da cidadania e de estímulos a esse estudante que consiga dar sentido ao que aprende e esteja preparado para conviver em sociedade. Em tempos de velocidade e quantidade demasiada de informações, faz-se necessária a reflexão sobre qual caminho parece ser mais acertado para a efetivação da formação de jovens mais humanos, protagonistas e conscientes.

A educação deve ser pensada como prática da liberdade e uma ação humanizadora, tal qual propõe Freire (2011), baseada na troca, na construção comunitária do conhecimento; uma educação crítica, dialogada, que pense o homem

na sua relação com ele mesmo, com os outros e com o mundo, estabelecendo uma relação dialógica permanente.

Fica a ideia de que o ensino é muito maior que componentes curriculares, disciplinas, matérias, conteúdo, metodologias. É algo que ocorre em processo, que envolve olhar, tocar, falar e escutar, escrever e ler, o eu com o mundo. Educação é encontro, oportunidade, discussão, troca, transformação. É por meio do diálogo e, sobretudo, do exemplo que aprendemos. Educação é um conceito muito amplo e complexo para ser entendido e praticado dentro somente de uma sala de aula. A educação é a principal ferramenta para o processo de socialização. Daí tal importância da educação auxiliar não em uma fabricação violenta de um indivíduo, mas na construção colaborativa de um sujeito autônomo, capaz de interferir na sua sociedade. Um cidadão. Alguém que, muito mais que um ator social, torne-se um autor social.

Acreditando na educação como ferramenta capaz de transformar o sujeito, o qual, ao perceber-se como parte ativa de uma sociedade, coloca-se como protagonista da mudança, segue-se na defesa de que grupos escolares são um caminho para alcançar esse objetivo. Em diálogo contínuo com as questões pedagógicas e alinhados com os direitos humanos, os estudantes pertencentes aos grupos conseguem sintetizar em reflexões, discursos e ações o que se coloca como missão da escola. Ao dar sentido à formação integral e percebendo a conexão dos aspectos acadêmicos com as questões cidadãs permeadas pelo exercício da espiritualidade, estão sendo construídos sujeitos que efetivam a cidadania que se espera para o século XXI.

Um sujeito crítico, humano, protagonista que não seja somente ator social, mas sim autor de sua própria sociedade. Alguém que, para além de sujeito histórico, perceba-se como autor de sua própria história. E que, por meio de um sentido, cuidando de si e do outro, auxilie na construção de uma sociedade mais humanizada.

Essas transformações são visíveis e palpáveis nesses grupos. Talvez um dos desafios seja de que os mesmos posicionamentos que acontecem

nestes espaços dito seguros, por estarem em pares e serem compostos por sujeitos vinculados pelos mesmos propósitos, possam acontecer para além daquelas organizações. Que os jovens consigam ser multiplicadores destas transformações nos demais espaços da escola, de suas casas e da sociedade como um todo.

Para essas propostas são necessários os valores maristas, em especial o amor ao trabalho, cuidado, espírito de família e audácia. É importante que os educadores dos diferentes escopos estejam alinhados e busquem um diálogo transdisciplinar, com abertura para o outro, buscando a troca e sobretudo acreditando que educar é uma obra de amor.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>

DELORS, Jacques *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

FREIRE, Madalena. *O que é um grupo*. [S. l.; s. n.], 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *Matriz de Referência ENEM*. Brasília: MEC, 2019.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ONU - Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris: ONU, 1948.

REDE MARISTA. *Programa voluntariado*. 2. ed. Porto Alegre: Rede Marista, 2016.

REDE MARISTA. *Serviço de Pastoral: identidade, metodologia e compromissos*. 1. ed. Porto Alegre: Rede Marista, 2018.

REDE MARISTA. *Posicionamento Juventudes: Nosso jeito de compreender e atuar junto aos jovens contemporâneos*. 1. ed. Porto Alegre: Rede Marista, 2018.

REDE MARISTA. *Posicionamento Projeto de vida: A construção da integralidade da pessoa*. 1. ed. Porto Alegre: Rede Marista, 2018.

REDE MARISTA. *Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista*: Secretariado Interprovincial Marista. São Paulo: FTD, 2006.

RALPH. Seja um Voluntario. Zero Hora, Porto Alegre, 2018.

SEIXAS, Raul. Carpinteiro do Universo. São Paulo: Gravadora WeA, 1989.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T.T. (org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 14ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1998.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. Projeto Educativo do Brasil: nosso jeito de conceber a Educação Básica. Brasília: UMBRASIL, 2010.

Kátia Terezinha Machado da Rocha

Especialista em Orientação Educacional (FAFINC), em Viamão, RS, Brasil; pastoralista no colégio Marista Graças, em Viamão, RS, Brasil.

Konstans Franco Steffen

Mestre em educação (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; especialista em Psicologia Escolar e Educacional (CFP), Brasil; e orientadora educacional no colégio Marista Graças, em Viamão, RS, Brasil.

Ralph Schibelbein

Mestre em Educação (UDE), em Montevideu, Uruguai; mestrando em Direitos Humanos (UnirRitter), em Porto Alegre, RS, Brasil; e professor no colégio Marista Graças, em Viamão, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Kátia Terezinha Machado da Rocha

Rua José Garibaldi 7197

Passo do Vigário, 94425000

Viamão, RS, Brasil

Konstans Franco Steffen

Rua São Francisco, 840/302.

Santana, 90620070

Porto Alegre, RS, Brasil

Ralph Schibelbein

Rua Dom Diogo de Souza 680/507

Cristo Redentor, 91350000

Porto Alegre, RS, Brasil